

Colar macarrão em papel, uma “arte” ultrapassada?

Colar macarrão em papel, desenhar com giz de cera em lixa, fazer colagens com pedacinhos coloridos de revistas e pano — não há crianças que, nos últimos 15 anos, não tenha feito esse tipo de “trabalhinho” escolar para a disciplina arte-educação. Que o digam os pais, principalmente aqueles que se preocupam com o aprendizado dos filhos e encaram a arte como uma das portas para a compreensão do mundo e inserção do homem em seu meio cultural. O assunto é sério mesmo.

Para discuti-lo, especialistas em arte-educação da Europa, Estados Unidos e vários países latino-americanos, estudantes e professores se reúnem a partir de hoje até sexta-feira no 3º Simpósio Internacional sobre Ensino da Arte e sua História, no Anfiteatro da Cidade Universitária.

A promoção é do Museu de Arte Contemporânea da USP, cuja diretora, Ana Mae Barbosa, está entre os mais respeitados pesquisadores brasileiros de arte-educação. Entre 20 mesas-redondas e 100 comunicações, o simpósio realizará, por iniciativa de Ana Mae, dois grandes debates: “O que é uma escola de arte para o ano 2000” e “Conceituação da arte-educação para uma nova lei de diretrizes e bases da educação”.

Isto porque, no âmbito federal, as autoridades do Ministério da Educação já trabalham nessa nova lei e existem propostas de simplesmente acabar com a educação artística nas escolas brasileiras de 1º e 2º graus.

O objetivo do simpósio, segundo Ana Mae, é provar a importância da arte na formação de crianças e adolescentes, conseguir que a disciplina arte-educação não seja tirada das escolas e, fi-

nalmente, apresentar aos arte-educadores novos métodos de ensino para que as crianças não fiquem apenas colando macarrão em papel.

“Anemia teórica”

No dia-a-dia, não se costuma pensar nos problemas da teoria com consciência prática. Parece que o pesquisador trabalha nas nuvens e o cotidiano não tem nada a ver com suas descobertas ou

elas não o influenciam. Mas não é bem assim. Ana Mae, por exemplo, concluiu que os professores de arte-educação sofrem, no Brasil, de anemia teórica. “Daí porque se cola tanto macarrão em papel. Quer dizer, em nome do espontaneísmo (sic) modernista, criou-se uma arte escolar e ela é imposta à criança”, observa Ana Mae, também professora da Escola de Comunicações e Artes da USP. “Então eu pergunto: isso é

arte? Defende o espontaneísmo infantil?”

Ela mesma responde: “O arte-educador já não pode defender o espontaneísmo como algo absoluto. O mundo infantil está cercado de imagens da televisão, das histórias em quadrinhos, do cinema, da publicidade e, logo, seria ingênuo insistir em que, pelo simples fato de não ver arte de adulto, a criança está protegida de influências”, argumenta a especia-

lista, fazendo uma reflexão mais objetiva sobre o assunto. Reflexão que, espera, seja feita no simpósio — encarregado também de avaliar a polêmica exposição “A Criança de Sempre”. Nessa exposição, inaugurada há alguns dias no MAC do Ibirapuera, estão lado a lado desenhos infantis, reproduções de artistas famosos como Miró e Klee, e originais de artistas mineiros, como Amílcar de Castro.